

UMA ANÁLISE DO APRENDIZADO DA LEITURA E DA ESCRITA

Maria Janete de Lima
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG
mjane_lima@hotmail.com

RESUMO: Este estudo é resultado de uma pesquisa desenvolvida na Escola de Ensino Fundamental, com crianças de 1º ano e 2º anos. Através dos estudos foi possível desenvolver reflexões sobre a estrutura da consciência fonológica e sua relação com a escrita. Dentre os objetivos propostos para o referido estudo selecionar, organizar e desenvolver ações psicopedagógicas envolvendo a leitura e a escrita, a fim de estabelecer conexões sobre a aquisição destes e a consciência fonológica. Como atividades desenvolvidas foram realizadas tarefas de discriminação auditiva de palavras através de sílabas iniciais e finais; de construção de rimas; de jogos envolvendo linguagem escrita; de leituras e construção de histórias baseadas em contos de fada e atividades no computador. Concluímos que o processo evolutivo ocorrido na aquisição da escrita é paralelo ao observado na leitura, que os diferentes níveis de desenvolvimento da escrita mantêm uma estreita conexão com o desenvolvimento da leitura, que o uso de pistas grafo-fônicas é fundamental para o progresso inicial na leitura.

Palavras-chave: Consciência fonológica; Aprendizagem; Leitura; Escrita.

1 INTRODUÇÃO

O estudo Uma análise do aprendizado da leitura e da escrita à luz da educação inclusiva foi realizado numa escola da rede Estadual de Ensino. O estudo limitou-se a aplicar os estudos sobre consciência fonológica aos problemas de aprendizagem, no processo de alfabetização. Como objetivos temos selecionar, organizar e desenvolver ações psicopedagógicas envolvendo a leitura e a escrita, a fim de estabelecer conexões sobre a aquisição destes e a consciência fonológica.

Podemos constatar que há visível ausência de interesse, por parte dos docentes, no que diz respeito à utilização de material didático visando à inovação de sua prática. Tal fato se dá por alguns professores estarem presos à educação tradicional ou ao comodismo e ainda por não se sentirem seguros para buscar alternativas de ensino. Some-se a estes fatores a falta de incentivos por parte dos governantes em relação à educação que os leva a praticarem uma docência sem criatividade. Portanto, faz-se necessária uma tomada de iniciativas que os incentivem a desenvolver suas próprias habilidades.

Desenvolver o processo de ensino-aprendizagem nas escolas públicas, sem as devidas condições, significa contribuir para o fracasso escolar dos alunos advindos das classes populares. Tal fato acarreta problemas de

autoestima, à medida que sua aprendizagem se mostra defasada em relação a aprendizagem das demais crianças.

A situação de aprendizado reúne três elementos: quem aprende; o que será ensinado e o método, definido pela relação entre o aprendiz e a língua subordinando-os às características de ambos. Neste sentido, a utilização do material concreto em sala de aula se constitui em uma alternativa, ela deve ser pautada numa fundamentação teórico-prática sólida, capaz de auxiliar na superação de eventuais dificuldades de transmissão-assimilação do conhecimento.

2 A EVOLUÇÃO DO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA

A aquisição da leitura e da escrita tem se constituído num processo muito complexo que pode também se traduzir num processo de exclusão na escola brasileira, ou seja, algumas crianças que não se mostram aptas a tais atividades passam a ser rotuladas como inadaptadas, anormais e até como crianças com necessidades educativas especiais - NEEs. Nesta linha de pensamento procuramos demonstrar no presente texto uma reflexão sobre pesquisa feita no tocante a aquisição da leitura e escrita. É recente a tomada de consciência sobre a importância da alfabetização inicial. Neste sentido é necessário investigar que tipo de práticas são utilizadas no contexto escolar sabendo-se que todas estão apoiadas no modo de conceber o processo de aprendizagem e o objeto dessa aprendizagem. É assim que a Psicopedagogia se apóia em uma reflexão epistemológica a partir da redefinição do papel do professor e a dinâmica das relações sociais dentro e fora da sala de aula, de modo que o professor não é único que sabe ler e escrever na sala de aula; todas as crianças podem ler e escrever a seu modo e que a prática escolar deve promover discussões sobre a representação da escrita e da linguagem em proveito das crianças que não estão alfabetizadas.

As pesquisas de Ferreiro (1995) lhes permitem afirmar que o processo de aquisição da linguagem escrita precede e excede os limites escolares. Primeiro, porque a linguagem escrita é um objeto cultural e resulta de um esforço coletivo da humanidade e depois, porque a criança através de um

prolongado processo construtivo (processo cognitivo) descobre as propriedades dos sistemas simbólicos.

Segundo Ferreiro (1995:18 e 19) a Evolução Psicogenética do processo de aquisição da linguagem tem aspectos que são considerados fundamentais, ou seja, do ponto de vista construtivo essas aquisições seguem uma linha de evolução de regularidade que podem ser distinguidos em três períodos que são:

- O primeiro aparece do ponto de vista *gráfico* e os *aspectos construtivos*. Nos aspectos gráficos são observadas a qualidade do traço, a distribuição espacial das formas, etc. Os aspectos construtivos estão relacionados com o que se quis representar e os meios utilizados para criar diferenciações entre as representações.
- O segundo denominado de *silábico* se inicia com a fonetização da escrita, as crianças exploram critérios de variar a quantidade de letras (*eixo quantitativo*), e variar o repertório de letras de uma escrita para outra (*eixo qualitativo*).
- - O período *silábico alfabético* marca a transição entre os esquemas prévios e os futuros. A atenção às propriedades sonoras do significante que marca o ingresso no terceiro período desta evolução. A criança começa por descobrir que as partes da escrita (letra) podem corresponder a outras partes das palavras (silaba); as partes sonoras semelhantes entre as palavras começam a se exprimir por letras semelhantes. Para a autora, cada momento deste gera formas particulares de conflitos para as crianças.

Os estudos apontam que uma série de concepções construídas pelas crianças resulta de construções internas. Por outro lado, existem conhecimentos específicos sobre a linguagem escrita que é adquirida por outros informantes, de modo que as informações precisas do meio aumentam a distância entre grupos sociais. A criança que cresce em um meio "letrado" está exposta à influência de uma gama de ações e interações, o que propicia a compreensão dos símbolos.

Assim a importância da escola é cumprir um papel insubstituível de criar condições para que a criança descubra por si mesma o sistema alfabético. O professor não deve subestimar ou supervalorizar as capacidades das crianças e os conhecimentos que estas já possuem, ou seja, que há uma série

de passos ordenados para a compreensão do sistema alfabético.

Ferreiro (1995) conclui que em todas as situações a criança deve receber informações sobre a função social da linguagem escrita, através de participação nas situações de usos sociais sobre a natureza fonética e assim reconstruí-lo internamente, em vez de recebê-lo como um conhecimento pré-elaborado. Para isto, faz-se necessário criar oportunidades ricas e variadas para interagir com a linguagem escrita.

A relação entre a palavra falada e a palavra escrita, em português, é denominada de sistema alfabético. Um sistema alfabético de escrita não representa diretamente o significado da palavra, mas a seqüência de seus sons; a escrita não representa diretamente aspectos semânticos da palavra, mas sua seqüência fonológica. Descobrir essa relação não é tarefa simples para as crianças.

Para Nunes (1997), a natureza semântica da memória torna árdua a tarefa de descobrir que a escrita representa os sons. Crianças que não conseguem aterem-se aos sons da palavra quando solicitadas a dizerem palavras parecidas, dizem palavras com significado semelhante. Neste sentido as crianças devem participar de atividades que envolvam a classificação de figuras, observando semelhanças fonológicas entre as palavras que designam os objetos.

Segundo o autor citado anteriormente (1997), a contribuição de Ferreiro na descoberta e análise da escrita silábica é muito significativa tanto para a compreensão dos processos envolvidos na alfabetização como para a orientação de práticas educacionais. A escrita silábica é um fenômeno que demonstra o papel ativo da criança ao aprender a ler.

A escrita silábica é o momento em que as crianças começam a buscar uma relação sistemática entre fonologia e grafia. Bryant e Bradley apud Nunes (1997) sugerem tarefas de categorização de palavras pelo som inicial ou final. Esta habilidade de classificar palavras em termos de seus sons participa do processo de aprendizagem da leitura e escrita. E concluem que as implicações pedagógicas de seus estudos podem contribuir em práticas educativas que podem beneficiar a todas as crianças

Os processos de aquisição da leitura e escrita eram predominantemente pedagógicos, onde eram discutidos os métodos de ensino mais do que a

aprendizagem. Estes consideravam que as crianças deveriam aprender a reconhecer frases e palavras para, depois, analisarem palavras em termos de seus elementos menores, as sílabas e as letras. Nesta abordagem, a aquisição da língua escrita está voltada para o tipo de relação que a criança supõe que existe entre a língua escrita e a língua falada, não tendo relação com o desenvolvimento perceptual.

As mudanças de estágios pelo qual as crianças passam podem ser consideradas radicais o suficiente para serem vistas como mudanças qualitativas: o que é aprendido num estágio é aperfeiçoado, e não abandonado, no momento seguinte.

Na correspondência global entre escrita e elementos significativos as crianças parecem supor a existência de uma relação geral entre os elementos significativos da linguagem e as partes identificadas na escrita, onde não se pode esperar que ela faça uma relação entre o número de palavras conhecidas e a consciência fonológica, uma vez que a consciência fonológica não interpreta um papel significativo na aquisição de um "vocabulário de grafias". Nesse estágio, a criança trata a palavra como um todo.

O acúmulo de um "vocabulário de grafias" não é, necessariamente, incompatível com o início de uma análise fonológica. Uma criança pode aprender duas grafias e descobrir que existem semelhanças entre elas. Não é a quantidade de grafias aprendidas, mas a descoberta de semelhanças que pode facilitar a entrada da criança no segundo estágio, em que parece descobrir que existem relações sistemáticas entre elementos fonológicos na linguagem e elementos gráficos na escrita.

Ferreiro apud Nunes (1997), observou que as crianças, antes de atingirem a compreensão do sistema alfabético, buscam representar cada sílaba das palavras por uma letra. Nesse estágio a criança busca uma análise fonológica da palavra e sua representação, mas não alcança essa análise no nível do fonema. Esta fase pode ser vista como uma transição entre uma concepção não fonológica de escrita e uma concepção alfabética.

A concepção alfabética consiste em aprofundar ainda mais a análise fonológica da palavra chegando às unidades mínimas, os fonemas. A criança que se torna consciente dos fonemas tenta estabelecer uma correspondência entre essas unidades da fala e as letras, buscando representar cada fonema

através de uma letra. A consciência das seqüências de fonemas gera as representações gráficas das palavras e, portanto, erros, quando a língua falada não corresponde exatamente à língua escrita.

Nunes (1997) deduziu que o estágio alfabético não pode ser considerado como o último no desenvolvimento da concepção da escrita, porque esta concepção requer uma representação seqüencial de fonemas por letras.

3 A INFLUÊNCIA DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA COMO FATOR DE INCLUSÃO DOS EDUCANDOS NO APRENDIZADO DA ESCRITA

Com base nos estudos de Martins e Torres González, introduzimos um estudo comparativo sobre o processo de exclusão que ocorre com educandos no processo de alfabetização com os alunos "ditos normais" e o que ocorre com educando com necessidades educativas especiais. Acreditamos que os procedimentos caminham na mesma direção, ou seja, acolher a diversidade, valorizar a heterogeneidade, valorizar o desenvolvimento profissional e formação continuada dos educadores, entre outras.

Para Martins (1995) a consciência fonológica tem sido um dos grandes sucessos da psicologia moderna. Mostrando que a evidência de uma relação estreita entre esta e a alfabetização é, de fato, extraordinária, tendo sido encontrada em diversas ortografias alfabéticas onde o desenvolvimento da consciência fonológica procede através de estágios, começando com a consciência de unidades fonológicas mais globais até, finalmente, chegar à consciência plena dos segmentos fonêmicos da fala.

Quanto à estrutura da consciência fonológica, muitos estudos têm mostrado que o treinamento desta, para aqueles que não a têm, aumenta significativamente sua habilidade subsequente de leitura. Há alguns anos atrás se acreditava que a criança precisava se ater ao significado das palavras. Mas, hoje, sabemos que a consciência fonológica se detém à estrutura da palavra.

No que se refere ao treinamento da consciência fonêmica em crianças pré-escolares Brian Byrne apud Martins (1995) relata pesquisas sobre os

efeitos no desenvolvimento subsequente da aprendizagem da leitura e da escrita e conclui que, quando a criança chega na hora de aprender a ler e escrever ela já dominou um complexo grande da fala, a pronúncia das palavras já foi dominada naturalmente. O problema do aprendiz é reconhecer na fala os elementos da segmentação, isto é, descobrir que na fala contínua, os sons que correspondem aos elementos da escrita alfabética. Estes elementos discretos existem na fala, mas em um nível abstrato. São os fonemas, que a maior parte dos lingüistas propõe como os blocos de construção da linguagem. Os fonemas são os elementos que distinguem uma palavra da outra. É a consciência da natureza psicologicamente segmentada da fala que chamamos de consciência fonêmica.

A consciência dos sons da fala influencia o curso da aquisição da leitura e precisa ser considerada em um relato completo do desenvolvimento da habilidade de leitura. Para que a criança domine a leitura dos fonemas é preciso dominar as regras de correspondência grafo-fônicas. Sendo assim, ela não só saberá ler as palavras conhecidas, mas também palavras não familiares. Isso se dá através de algumas pistas visuais de diferentes naturezas, como o tamanho da palavra, alguma letra ou grupo de letras em particular.

No início da aprendizagem da língua escrita, as crianças lêem palavras como se estas fossem ideogramas e, mesmo quando já se utilizam do princípio alfabético na escrita, elas não o transferem de imediato para a leitura.

Martins (1995) se preocupa em analisar a habilidade da criança utilizando rimas para o progresso na leitura e escrita. Após alguns testes feitos com crianças em idade pré-escolar foi concluído que a habilidade destas crianças, de detectar rimas vinha a desempenhar um papel especial nos estágios iniciais da aquisição da leitura e da escrita em uma ortografia alfabética. Esta habilidade encontra-se bem desenvolvida no final dos anos pré-escolares.

A importância do desenvolvimento da consciência fonológica em crianças pré-escolares tendo como finalidade a aprendizagem da leitura e escrita vem fazer coro ao direito à educação, consagrado na declaração dos Direitos Humanos das Nações Unidas, ou seja, formas alternativas de metodologias que vão garantir a educação para todos. No entanto, estas não

têm sido as práticas vigentes dos educadores, que continuam atuando de forma tradicional.

A exclusão no processo de alfabetização pela não aquisição da leitura e da escrita pode ser comparada ao processo de exclusão causado pela não aquisição do aprendizado geral, onde os educandos são vistos como portadores de necessidades educativas especiais, em ambos os casos a orientação é baseada no currículo. De acordo com Torres González (2002), a orientação deve ser baseada na resposta educativa diante da diversidade e na criação de situações educativas que permitam o desenvolvimento pessoal dentro da diversidade. Neste sentido os educadores que se situam na perspectiva da prevenção se posicionam como instrumentos para resolver as dificuldades de aprendizagem por meio de suas intervenções educativas.

Ainda na perspectiva do currículo, ou seja, de um currículo que valoriza os indivíduos, e se adapta as diferenças dos indivíduos e a cima de tudo vem questionar a homogeneidade como elemento pedagógico pode-se dizer que o mesmo deve acontecer no processo de alfabetização. De acordo com Torres González (2002), o enfoque cultural integrador parte do princípio de heterogeneidade, onde a instrução e a organização das aulas devem respeitar os objetivos e processos comuns a cada grupo sociocultural atendendo às características individuais.

No próximo tópico vamos apresentar o trabalho de pesquisa desenvolvido com educandos, no processo de alfabetização, ou seja, de aprendizado da leitura e da escrita com o intermédio da escola.

4 Metodologia

Participaram do estudo nove crianças sendo 5 meninos e 4 meninas, com idade entre 5 e 7 anos, onde 7 eram da alfabetização e 2 do 1º ano. As mesmas apresentavam dificuldades de aprendizagem diversas. No entanto, o estudo desenvolvido enfocou a aquisição da consciência fonológica como elemento necessário ao processo de alfabetização. Por este motivo no final do primeiro mês duas crianças sendo 1 da alfabetização e 1 do 1º ano, foram desmembradas do grupo, posto que já tinha a consciência dos fonemas, sendo assim encaminhadas à coordenação para as devidas determinações

junto à supervisão. Uma terceira criança também foi desmembrada do grupo devido às faltas sucessivas, o que contrariou o contrato realizado e firmado anteriormente com as famílias. Dessa forma, a intervenção institucional prosseguiu até o final com 6 crianças. O estudo desenvolveu-se numa abordagem qualitativa considerando as crianças envolvidas como um todo sistêmico.

Entre as atividades desenvolvidas com as professoras foram realizadas entrevistas sobre o método de ensino adotado na escola e demais atividades realizadas. Com as crianças, a intervenção se realizou no turno da tarde, durante três dias alterados na semana. Com o roteiro de atividades obedecíamos a seguinte estrutura de trabalho:

1º momento: Jogos e dinâmicas (sobre linguagem e escrita)

2º momento: Atividade dirigida sobre discriminação auditiva (sempre oral. Ex: rimas e formação de palavras)

3º momento: Este variava a cada dia entre as opções: uso do computador, leitura e exploração de histórias infantis e atividades gráficas (escrita) e plásticas (desenhos).

Durante os dois meses foram desenvolvidas ainda atividades de sondagem do nível de evolução das crianças, sendo feitos ditados de palavras, nos quais as crianças eram solicitadas a usar hipóteses como transcrição de fala para realizar as tarefas. Mediante a análise dos ditados e o desempenho geral das crianças foram elaborados e preenchidos relatórios de acompanhamento das crianças no sentido de orientar as atividades a serem programadas.

Com os dados obtidos temos a análise dos ditados iniciais que sugerem detenção no processo de aquisição da linguagem e escrita no nível pré-silábico e os resultados do terceiro momento que revelam crescimento e evolução ao nível silábico-alfabético para cinco crianças. No entanto uma criança permaneceu no estágio inicial do primeiro ditado, o qual sugere o nível pré-silábico da escrita, apresentando a mesma, universo vocabular restrito

5 Análise dos dados

No primeiro momento, observamos alunos que não conseguiam

relacionar o som à palavra, nem tão pouco conseguia representá-la graficamente. Alguns apresentavam desatenção às atividades propostas, só reconhecendo letras isoladas e apresentando vocabulário restrito, encontramos a maioria das crianças trocando letras como b com d, p com d entre outras e alguns apresentando escrita espelhada.

No segundo momento de acompanhamento, constatamos um crescimento significativo na leitura e escrita das palavras por parte das crianças, melhor desempenho nas atividades de discriminação sonora, visual e escrita, quando conseguiam relacionar um grande número de palavras, a partir de uma palavra alvo, seja da sílaba inicial, final ou da palavra como um todo.

No terceiro momento, podemos concluir que as crianças já reconheciam com facilidade palavras escritas, conseguiam construir outras, utilizavam com frequência transcrição da fala que identificamos no nível silábico – alfabético, conforme estudos de Ferreiro e a concepção alfabética da escrita, conforme estudos de Nunes (1997).

Outro ponto importante a considerar foi o trabalho com rimas onde observamos que a habilidade de detectar rimas desempenha um papel importante na aprendizagem da leitura e da escrita, principalmente nos estágios iniciais.

Conforme citado por Cardoso (1995), nos estudos de Bryant, as crianças logo compreenderam que palavras que rimam, compartilham letras em comum e utilizam este conhecimento para ler palavras desconhecidas que compartilham a mesma seqüência final das letras com palavras conhecidas.

Segundo Cardoso (1995), a descoberta de uma relação entre a consciência fonológica, isto é, a consciência dos sons que compõem a fala e a aprendizagem da leitura e da escrita em uma ortografia alfabética tem sido descrita como um dos grandes sucessos da psicologia moderna; a evidência de uma relação estreita entre a consciência fonológica e a alfabetização é de fato extraordinário. No entanto, podemos concluir mediante presente estudo que outros fatores contribuem positivamente para que este ocorra, tais como:

- Autoestima: A autoestima é uma necessidade humana evidente e deve ser desenvolvida também nas atividades de ensino aprendizagem, tendo em vista

que o autoconceito é formado, tanto por fatores internos, quanto externos, isto é, mensagens verbais e experiências produzidas pelos professores e pais. Podemos considerar que a baixa autoestima pode limitar e muito as aspirações e realizações individuais.

-Ambiente familiar: Quando há estímulo na família, durante o processo ensino-aprendizagem e uma valorização da leitura, despertando o interesse e a curiosidade para o que está escrito haverá um desenvolvimento mais acentuado na assimilação da aprendizagem de leitura e escrita.

-Ambiente escolar: Se a professora estimula seus alunos através de leitura de histórias, jogos que necessitem de um mínimo de leitura e uma classe não muito numerosa, tendo condições de dar atenção individualizada e descontraída para seus alunos, também estará contribuindo para um satisfatório desenvolvimento na aprendizagem de leitura e escrita.

-Biológica: A criança que possui deficiência visual e/ou auditiva terá mais dificuldade se não for levada a um especialista da área.

A leitura e escrita são atividades complexas e, certamente, requerem outras habilidades além da consciência fonológica e do conhecimento das correspondências letra-som, de modo que é possível que parte dos desafios apresentados pela aprendizagem da leitura e da escrita em uma ortografia alfabética resulte das dificuldades em focalizar os elementos fonológicos da fala. No entanto, dentro desse processo, consideramos fundamental entender a criança como um todo onde ela, como ser humano que tem reações, necessidades, habilidades, não devendo ser sacrificado em função do processo de alfabetização tradicional e mecânico que é imposto socialmente e que tem contribuído para o fracasso de muitas crianças.

As crianças selecionadas estavam classificadas no nível pré-silábico e silábico conforme a classificação de Ferreiro, não demonstrando nenhum entendimento de que as letras representam a parte sonora da palavra, levando-nos a identificar a existência do estágio de correspondência global entre escrita e elementos significativos. Conforme Nunes (1995), as crianças procuram estabelecer uma relação entre os elementos significativos da figura e as palavras, ou seja, o que indica que ao menos uma compreensão rudimentar das relações entre escrita e fala é necessária para que algum

progresso comece a ocorrer na leitura. Portanto, os resultados apóiam a idéia de que a leitura e a escrita têm uma base comum e que esta consiste no domínio da base alfabética.

Nunes (1997) oferece uma explicação para o fenômeno dos desníveis observados entre leitura e escrita, ou seja, que existe uma diferença entre o "saber o que fazer" e o "saber fazer", ou seja, uma criança pode compreender que em linhas gerais as letras representam os sons nas palavras e mesmo assim não conseguir analisar determinadas palavras durante a leitura.

6 ASPECTOS CONCLUSIVOS

A compreensão dos processos de aquisição da leitura e da escrita pelas crianças tem sido objeto de estudos e debates. As análises mais atuais procuram enfatizar aspectos relativos ao sistema alfabético e à construção dos conceitos por parte das crianças.

A leitura e a escrita na escola têm sido fundamentalmente, um objeto de ensino. Para que possa se constituir também em objeto de aprendizagem é necessário que faça sentido para o aluno, isto é, as atividades de leitura e escrita devem responder a objetivos sociais. Desse modo a escola deve converter tais práticas em objeto de aprendizagem e preservar sua natureza e sua complexidade sem, no entanto descaracterizá-las.

É preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão conseqüência natural dessa ação.

O conhecimento atualmente disponível a respeito do processo de leitura indica que não se deve ensinar a ler através de práticas centradas na decodificação. É preciso que as crianças antecipem, ou seja, que façam inferências a partir do contexto ou do conhecimento prévio que possuem, que verifiquem suas suposições, tanto em relação à escrita, propriamente, quanto ao significado. É disso que se está falando quando se diz que é preciso "aprender a ler, lendo", de adquirir o conhecimento da correspondência fonográfica, da criança compreender a natureza e o funcionamento do sistema

alfabético, dentro de uma prática ampla de leitura. Para aprender a ler, é preciso que o aluno se defronte com os escritos que utilizaria se soubesse mesmo ler, com os textos de verdade.

De certa forma, é preciso agir como se o aluno já soubesse aquilo que deve aprender, ou seja, considerar o que ele sabe. Entre a condição de destinatário de textos escritos e a falta de habilidade temporária para ler autonomamente é que reside a possibilidade de, com a ajuda dos já leitores, aprender a ler através da prática da leitura. Trata-se de uma situação na qual é necessário que o aluno ponha em jogo tudo que sabe, para descobrir o que não sabe, portanto, uma situação de aprendizagem. Essa circunstância requer do aluno uma atividade reflexiva que, por sua vez, favorece a evolução de suas estratégias de resolução das questões apresentadas pelos textos.

O professor deve colocar-se na situação de parceiro, agrupar seus alunos de forma a favorecer a circulação de informações entre eles, procurar garantir que a heterogeneidade do grupo seja um instrumento a serviço da troca, da colaboração e, conseqüentemente, da própria aprendizagem.

Através da intervenção psicopedagógica, concluímos que:

- 1- As crianças selecionadas para intervenção como crianças em processo de alfabetização não tinham consciência das propriedades da fala em seus aspectos fonéticos tão importantes para a escrita alfabética;
- 2- Que as propriedades relevantes da fala devem ser trazidas à atenção das crianças de maneira bastante fácil, através de rimas, contação de estórias, etc;
- 3- O domínio inicial da consciência fonológica é benéfico nos primeiros anos iniciais para aquisição do nível alfabético.

Em linhas gerais observamos que o surgimento da fase alfabética na escrita ocorre de forma gradual seguindo uma sequencia evolutiva onde a consciência fonológica contribui para esta aquisição, ou seja, a evolução da escrita está relacionada com a aquisição da consciência fonológica, os diferentes níveis de desenvolvimento da escrita identificados nas atividades realizadas, mantêm uma relação com o desenvolvimento da leitura.

ABSTRACT: This study is result of a research carried out in a Fundamental School by involving children from 1st and 2nd grades. Through the studies it was possible to develop reflections on the structure of a phonological awareness and its relationship with writing. Among the proposed objectives, this study aims at selecting, organizing and developing psychopedagogical actions involving reading and writing in order to establish connections about those aspects and the phonological awareness. As examples of developed activities, the following tasks were carried out: listening activities to differentiate words through initial and final syllables; the construction of rhymes; games involving written language; reading and construction of stories based on fairy tales and computer activities. We concluded that the evolucional process occurred during the writing acquisition is in consonance with the one observed in reading in which the different levels of writing development keep an akin connection with the reading development in which the use of graph-phonological clues is essential to the initial progress in reading.
Key words: Phonological Awareness; Learning; Reading; Writing.

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, Martins; C.(Org.). *Consciência Fonológica & Alfabetização*. Petrópolis, Vozes, 1995.
- NUNES, Terezinha. *Dificuldades da Aprendizagem da Leitura: Teoria e Prática*. São Paulo, Cortez, 1997.
- NUNES, Terezinha. E quem se preocupa com ortografia? Em C. Cardoso Martins (org). *Consciência Fonológica & Alfabetização*. Petrópolis, Vozes, 1995.
- FERREIRO, Emília. *Reflexões Sobre Alfabetização*. São Paulo, Cortez, 1995. Coleção Questões da Nossa Época.
- FERREIRO, Emilia e TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre: Ed. Artmed,1990.
- FERREIRO, Emilia. *Alfabetização em processo*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1998.
- TEBEROSKY, Ana e CARDOSO, B. *Reflexões sobre o Ensino da leitura e da Escrita*. São Paulo: Vozes, 1993.
- TORRES GONZÁLEZ, José Antonio. *Educação e diversidade. Bases didáticas e organizativas*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

* Recebido em outubro de 2011.

* Aprovado em dezembro de 2011.